

O ESTRANHO SOL

Dreco Ramos¹

¹ É mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, onde atua como professor contratado nas disciplinas Literatura Portuguesa e Cultura Portuguesa.

I.

Depois daquele último pesadelo, resolvi arrancar as sujas amarras e escapar para longe. Não saberia dar explicações nem a mim mesmo, muito menos dizer qual o momento ideal para realizar o que tinha que ser feito. Na verdade eu nada sabia, desconhecia a tudo por completo, a todos, desde sempre, menino perdido num parque abandonado. A vida crua como dúvida arranhava-me as entranhas. Acabar com tudo? Pular do carrossel em movimento poderia ser a redenção.

Um salto profundo, no escuro do abismo. Todo aquele não-ser nada sendo e nulidade no vazio junto e para mim se apagariam definitivamente e em breve. Ao longo dos meses, trancafiado numa jaula cosmopolita só havia pensado em dar cabo da vida. Mas como? Chegar até lá poderia ser uma inteligente maneira. E o que haveria de encontrar nas ruas, a energia que a cercava, essa totalidade, era o que sempre me assustava! Olhei pros lados, surpreso, concluindo que minha hora havia chegado; acima da cabeça aquele céu, misterioso, interminável, nublado há séculos, abrindo-se em desespero. Passei a caminhar decidido numa frequência de passos difícilíssima de ser marcada num compasso. Meu olhar para frente e único era o meu, sem ninguém a me encarar. Audácia agora é o meu nome. Passos largos, bem espaçados nas profundezas. E o som daqueles passos denotava impetuosidade. Curioso este meu andar, pois até agora sempre o mantivera excessivamente calmo, vagaroso; um primeiro lugar no *podium* eu nunca obtivera. Mas na hora da morte é que se reconhecem os leões.

A calçada, enfeitada de passantes. Lembrei-me, não sabia o porquê, de Baudelaire. Os olhares das pessoas, aquelas janelas... Não eram vistosas nem vistas. Opacos, brancos de uma brancura quase cinza, todos praticamente, insistentemente vislumbrando os próprios pés os passantes escapavam de suas obscuras existências. Um olhar intruso talvez os incomodasse. A expressão suada de um outro representaria a podre desventura de nós mesmos e ainda mais o som, (este estupor que ouvimos), que

era o de vozes desconexas. Tapei os ouvidos. A consciência, obstinada, captava ruídos que confessavam o tempo. Estagnei-me na rua, forçado a abrir os olhos em alguma outra direção. Utopicamente quem sabe voltaria para casa e me renderia a um bom banho, com minhas forças sendo paulatinamente recobradas então. Tudo estaria bem, afinal. Um mesmo ideal renasceria desta ingênua face falsamente feliz e eu, capaz e mudo retomaria o próximo trem rumo a um lugar em que pudesse finalmente ter calma, gozo. Gostaria de poder encarar o mundo assim, meramente, destituído de preceitos, com os cânticos de uma simples e terna felicidade acariciando as velhas chagas, sem sobressaltos e...

Mas isto não aconteceu.

O estranho sol estava lá. A mesma cor rascante, amarelo-bizarra. Bailarino brincando num ritmo cáustico, nos campos do Senhor. Sempre desconfiara dele, o sol, pois tinha medo de seu fogo disfarçado. Nunca o encarei, tinha medo de tal ousadia, que poderia resultar em ofuscamento, cegueira momentânea. A luz e suas artimanhas. O sol, a luz e o eterno, de mãos dadas num jogo de dominação que se reinventava a cada novo bocejar, incendiando mais e mais a ignomínia, os rumores dos homens.

Vozes desconexas retornavam, invadindo minha mente sem permissão. Passei a conversar com elas, enfrentando-as numa guerra contra mim mesmo. E a rua desaparecera. As pessoas se tornavam paulatinamente sombrias, e aquele bizarro lastro me contaminava, perturbava-me a ponto de eu ficar descontrolado, embaralhado... Estaria louco? Terminantemente? Para onde?...

O surto recomeçara. Não deveria ter saído de casa, não deveria sequer ter pensado em suicidar-me... *Esse domínio, esse controle eu não possuía...* E as vozes se me cristalizavam, vozes límpidas e obscuras, distendendo-se em fios por sobre essa fantasia perturbada que eu criei. Sinto-me fraco; resolvo entrar numa loja qualquer (necessito respirar, fumar um cigarro...). Penetro no recinto e um café, forte, é a minha escolha. Nervosamente tento ser educado. Penso que do lugar de onde estava poderia de uma só vez investigar aquela agitação mundana. Carros, buzinas, congestionamento, gritos de ambulantes, mãos embotadas suplicando um auxílio que nunca chegaria. Um caos era aquilo e parte dele mesmo era eu, como a gordura velha que se agarra no fundo de uma vasilha mal lavada. De súbito, desligo-me exteriormente ao ouvir um mastigar à minha esquerda. O distinto senhor estava muito bem trajado: paletó, gravata combinando com

o lenço, camisa de linho branca e odores que se mantinham controlados; o rosto, vincado, ajeitava-lhe uma velhice que, depressa, tomaria conta de tudo. Executivo, advogado em fim de carreira, funcionário público. Despachante, Detetive particular, Matador profissional. Nada disso importava. Somente a renitência exultante que azeitava das entranhas ao lado, narrativa que soava mastigada, crua, engolida e regurgitada no invisível. Não pude acreditar ao certo, mas o diálogo se estabeleceu. E com nossas bocas fechadas. O infeliz nem sequer olhando para mim. E ele me diz... A voz que lhe saía das entranhas me diz, entediada:

Quantas vezes não estive por aqui implorando uma atenção daquela garota sem que ela me desse a mínima! Hoje ela me atendeu e me sorriu um sorriso vazio. Pra mim a solidão é o que se vê na minha idade, só restam migalhas. Essa garçonete mesmo, ela tem cara de migalha de pombo.

E minha voz-outra lhe responde, agitada:

Você tem razão e acho que já lhe vi em outras idades... O que nos resta além de beber e comer é defecar o produto final é aquilo que mal nos fará... Nesse balcão eu tenho um instante de paz, é só isso. A vida lá fora escancara... Feito doida, num colapso. Não somos todos doidos?... Essa média tem gosto de quê? De alegria é que não é. Confesso que não tenho mais força pra lutar... Não tenho forças, minhas preces foram ignoradas.

O homem limpou as mãos com o próprio lenço e ejaculou um bocejo meio aquoso no recinto. E espalha no ar, totalmente entediado, uma calada apreciação:

Você bem sabe que eu desisti. Não faço bobagem só porque sou covarde até debaixo d'água. Se fosse um pouco mais jovem partiria daqui, iria embora longe, quem sabe um lugar cheio de garçonetes bonitas? Não levo muito jeito pras coisas práticas, esse terno, esse ar senhoril me facilita um pouco as coisas, mas tudo é um jogo. Não queria que fosse assim. Quem se importa? Daqui a pouco a morte chega e... Que maravilha! Que bobagem! A morte é ridícula vista desse modo. Nos tempos de hoje ela não assusta mais. Já não lhe sinto nem ódio. Aliás, o ódio é uma estranha forma de amor, sabia? Até mais.

Senti-me tonto. Apóio-me no balcão e a sujeira mal limpada dos cantos da fórmica faz meus dedos escorregarem, derrubando a xícara vazia deixada pelo homem, que desaparecera no burburinho fragmentado. Ao observar mais detidamente o local

percebo os doces, tortas, biscoitos sortidos; tudo o mais que já era anunciado (e, insandecidamente, desejado). Aspiro o rígido cheiro de café, que por si só bastava. Firmei os pés, pronto pra continuar; ao sair do recinto noto na parede enrugada antigas propagandas de refrigerante, hoje engraçadas por não mais impactarem ao consumidor. As imagens, todas, enfileiravam-se vencidas desbotadas, carcomidas pelo tempo. Aquilo tudo era um desleixo. E por um instante sou uma dessas pessoas... Desbotado, vencido...

Necessitava satisfazer um último anseio.

Ao pisar na calçada meus olhos se queimaram. Perderam-se em meio a tanta luz. O mundo agora, apenas restos amarelos, de coisas amarelas, nítidas em tons de ouro não delineadas e no que sobrava das formas. Isso me assustou demais! O que aconteceria agora? Seria eu um Midas metamorfoseado?

Agora eu pagava na dor pela minha incoerência, pelo meu comportamento marginal e pela negação que tive daquilo que deveria polidamente e sempre acreditar. Tratava-se, era compreensível, de um castigo!

II.

Um caminhão de lixo passa ao largo, rugindo sua mescla de cansaço e sofreguidão. A pintura amarela do veículo acentuava a sordidez de minha existência insólita em olhos que não paravam de fazer um movimento óbvio. Meus olhos grudavam na sujeira do caminhão, na imundície da matéria perscrutada em amarelos de tudo. E o lixo revirava na caçamba circulante. Cascas de banana, copos vazios de sucos terrivelmente anti-higiênicos, latas, sacos plásticos abarrotados de quilos e mais quilos de porcaria produzida e do qual eu ainda fazia parte. Passei a andar depressa, esbarrando nas pessoas; Cheguei a correr. Voltar a casa talvez? Abrigar-me do lodo amarelo. Um infinito me sufocava. O retorno era o que me salvaria mas meu esforço foi vencido pela curiosidade intrépida do corpo que se jogava para frente e me comandava juntamente com as vozes ouvidas lançando-me para o alto até o cume daquele... Uma placa enorme

de loja se agigantara sobre minha encurtada silhueta estranha e muda como sempre. Amarelamente da cor do sol, a rua também se apresentava. Senti-me quase morto fatigado, ansioso em poder escapar de mim mesmo porém não conseguindo me desvencilhar da cor nem dos olhos dos outros virados para o chão, amarelo que brotava dos rostos transeuntes. A essa altura eles me encaravam friamente sob a égide amarela. Uma seta de carro ofuscou-me a coragem. Detenho-me e sento no meio-fio da calçada. Ao apoiar-me no poste da caixa de correios, um filete de suor amarelo caudaloso passa a escorrer pelo cano e respinga em meus pés. Levanto-me e de pronto um pesadelo: manchas amarelas invadiam o que outrora era esculpido de um azul nítido cor de mar. Acima de minha cabeça o mundo, ou melhor dizendo, o céu, este era ouro nítido, algo assim feito o losango da bandeira, imensa pradaria que a tudo devorava. E então... Corri! Corri, corri, escapando de tudo, quase que por um triz ainda sobrevivendo. Um prédio me engolira também nesta fuga (minha sorte?), e na tentativa de me manter lúcido, as linhas do asfalto sopravam em meu rosto a lucidez que eu, gradativamente, readquiria.

Amarelecendo. O caminho é uma saída que não existe. Um portão de aço, pétala feita de margarida que se esgarça, abriu-se revelando a expiação de ser fogo e chama. Da casa no final da rua um soco no estômago me surpreendeu!... Escorrego por sobre um imenso arrecife de frutas tropicais. Instantaneamente recuperado, levanto-me e selo meus olhos para aquela incessante luz. Na cegueira forçada que estabeleço, aquela paz momentânea é algo de que necessitava manter a todo custo. E no escuro passarei a ouvir unicamente vozes desconexas... E do mundo amarelo a ameaça que se instaurou não mais me atacaria... Não mais... Era preciso ser um homem e tanto... Era preciso, necessário, eu penso, penso, acho, e vejo que sou, penso. Penso? Sou?

Meus olhos, incautos se abriram.

De repente, o que vejo é um oceano repleto de indagações multicores.

